CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - **Subeditor:** Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

Escaneie o QR Code e assista na íntegra no canal do Correio à entrevista com o presidente do Comitê Olímpico do Brasil.

ENTREVISTA/ MARCO LA PORTA

Presidente do COB admite baque de R$ 130 milhões com fim das bets, vai ao mercado, celebra força na PEC da Segurança Pública e detalha o Plano de Governo Esportivo, pronto para ser entregue a Lula no Planalto

"Não dá para ficar sentado reclamando"

MARCOS PAULO LIMA

Ele comanda o Comitê Olímpico do Brasil (COB) desde 2025, mas é humano, de carne e osso, como eu e você, e também tem horas vagas, seja na escala 6x1, 5x2 ou 7X0. Ex-atleta do pentatlo militar e do triatlo, ex-técnico e com uma coleção de cargos executivos como dirigente, vice-presidente e, agora, presidente, Marco La Porta tem como livro de cabeceira Meditações, *de Marco Aurélio; é fã das séries* Friends, La Casa de Papel *e* Suits*; sente nostalgia dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 e joga no time dos homens que choram. Na entrevista a seguir, ao podcast* CB.Esportes, *o responsável por congregar 48 confederações, que administram mais de 60 modalidades de verão e inverno, revela que a medalha de ouro de Rebeca Andrade no individual geral da ginástica artística, em Paris-2024, o levou às lágrimas. O carioca de Realengo, torcedor do Flamengo, também tem ídolos. Oscar Schmidt é o maior deles. Aliás, uma curiosidade conecta La Porta ao Mão Santa: o dirigente morou 15 anos na capital. O filho dele, Vinicius La Porta, trabalha na cidade. Levou o Sobradinho ao vice no Candangão 2026 e assume o Samambaia para a temporada de 2027. Depois da entrada, vamos ao prato principal. O banquete a seguir é sobre gestão, política esportiva e as próximas missões: Lima-2027 e Los Angeles-2028. Que a sobremesa seja um Top 10 inédito do Time Brasil nos Estados Unidos. Bom apetite!*

Ed Alves CB/DA Press



O COB tem um Plano de Governo Esportivo para entregar ao presidente Lula. Pode detalhar?

O projeto prevê a manutenção de programas como o Bolsa Atleta e a Lei de Incentivo ao Esporte, além do uso estratégico das emendas parlamentares, articulando Congresso e Ministério do Esporte para que os investimentos tenham sentido dentro de um planejamento geral. Propomos descentralizar os investimentos. Em vez de concentrar os recursos do ministério nos grandes ídolos, precisamos fomentar novas bases para que surjam novas Rebecas e novos Isaquias.

O Brasil carece de uma política de Estado para o esporte?

Temos iniciativas como o Bolsa Atleta, a Lei de Incentivo ao Esporte e a Lei das Loterias. É fundamental que tenham continuidade, independentemente de quem estiver no governo. O ciclo olímpico dura quatro anos. Não podemos mudar as regras no meio do caminho.

O que propõem?

Política de Estado, não de governo. O papel do Ministério do Esporte não é fazer alto rendimento — quem cuida disso é o COB. O ministério deve fomentar a prática esportiva na população. Os clubes fazem a formação de base, a CBDE cuida do desporto escolar, a CBDU do universitário e o CPB do paralímpico. Se cada um cumprir seu papel, o sistema funciona.

Quais países são referências?

China e Rússia têm forte intervenção estatal. A maioria dos países do top 10 — EUA, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Itália, Japão e Coreia — usa um misto de financiamento público e privado. Nos EUA, o sistema universitário é bancado com forte aporte. Países como a Holanda focam estrategicamente em modalidades individuais que distribuem mais medalhas, posicionando o país no topo do quadro sem focar em esportes coletivos.

A Jamaica foca no atletismo. A Grã-Bretanha tem sucesso em esportes como canoagem, ciclismo, vela...

Cada país tem a própria cultura e tradição. A Jamaica construiu uma identidade muito forte no atletismo. A Grã-Bretanha adotou uma estratégia direcionada a modalidades com maior potencial de medalhas. No Brasil, considero essa estratégia mais difícil de implementar. Somos um país com uma cultura esportiva muito rica, diversificada e com potencial em inúmeras modalidades. Isso não significa deixar de estabelecer prioridades ou investir estrategicamente onde temos maior potencial de resultados. Nosso desafio é buscar a excelência olímpica sem abrir mão da diversidade e da força do esporte brasileiro.

Qual é o tamanho da vitória contra o risco de a PEC da Segurança Pública retirar recursos destinados ao esporte?

Seria uma perda de R$ 30 milhões por ano. Realizamos, anualmente, os Jogos da Juventude, que reúnem quase 5 mil jovens. A edição deste ano, em Foz do Iguaçu (PR), custou R$ 25 milhões ao COB. Perder R$ 30 milhões seria como deixar de realizar os Jogos da Juventude. Felizmente, os senadores foram sensíveis.

Qual é o impacto do fim das bets?

Estimamos um impacto de R$ 130 milhões no nosso orçamento para 2027. É uma perda desafiadora a menos de dois anos dos Jogos Olímpicos. Estamos trabalhando no orçamento para repor esses recursos e repriorizar projetos estratégicos. Voltamos a 2024, quando não contávamos com esse dinheiro. Se há um ponto sem discussão nesse assunto, é o impacto na saúde pública e o vício em apostas (ludopatia).

Quais são as alternativas?

O Brasil sempre admirou o modelo americano de financiamento privado, mas talvez tenhamos nos acomodado no financiamento público. Precisamos virar a chave, conversar mais com as empresas e mostrar o trabalho do COB e das confederações. Não dá para ficar sentado reclamando da MP; essa mudança nos provoca a virar a chave e ir ao mercado. A meta é chegar ao fim do ano que vem com quatro vezes mais receitas privadas do que em Paris. Também estamos dialogando com o governo para buscar novas receitas.

O Plano Olímpico de Patrocínio (POP) tem ajudado nesse sentido?

O POP é um sucesso, tanto junto ao mercado quanto ao movimento olímpico. Começamos a implantar o POP ano passado e a primeira adesão foi da Caixa, nosso patrocinador master. E esse é um bom exemplo para explicar como funciona o programa. Nós repassamos para as confederações 50% do contrato, mas em três níveis. Temos um primeiro nível em que todas recebem um valor igual e sem nenhuma necessidade de contrapartida por conta delas. No segundo nível, ficam de fora as confederações que possuem patrocinadores do setor da Caixa, financeiro, no caso. E as que recebem nesse nível, a grande maioria, dão em contrapartida exposição de marca para a Caixa em eventos, redes sociais, etc. No terceiro e último nível estão as confederações que a Caixa escolheu para trabalhar mais especificamente, que são basquete, ciclismo e handebol. Essas recebem um valor superior às demais, mas possuem também mais compromissos de entrega. A Tigre também já aderiu ao POP.

Qual é o balanço de dois anos no COB?

Entendemos desde o início que não era necessário mudar tudo. A gestão esportiva funciona como o treinamento de um atleta: para levar alguém ao alto rendimento e conquistar uma medalha, são necessários pelo menos 10 anos. Para construir um projeto e obter resultados, é preciso continuidade. Não faria sentido entrar, apertar o reset e começar tudo de novo.

A presença feminina é um avanço?

A participação da mulher no COB é bem efetiva. Além da Yane Marques na vice-presidência, temos a Ana Terra na Diretoria Administrativa e a Manoela Penna no Marketing e Comunicação. A parceria com a Yane traz a vivência de uma medalhista olímpica (bronze em Londres-2012 no pentatlo moderno). Além disso, trazemos algo inovador.

O que foi possível fazer?

Fizemos ajustes estruturais e aumentamos nossa atuação em Brasília. Também ampliamos o número de patrocinadores e o ticket médio. Outra iniciativa importante foi potencializar a Time Brasil TV, que passou a transmitir competições de modalidades menos conhecidas.

Vem aí Pan de Lima-2027 e LA-2028...

O Pan de Lima será o nosso Enem para Los Angeles. Vamos sair sabendo exatamente o que temos para os Jogos Olímpicos e a nossa expectativa de medalhas. A meta é manter o segundo lugar no quadro geral (atrás apenas dos EUA) e classificar o maior número possível de atletas.

O ano do Brasil empolga?

Começamos com a medalha de ouro inédita de Lucas Pinheiro Braathen nos Jogos Olímpicos de Inverno. A Maria Clara e o Henrique no taekwondo, Hugo Calderano entre os cinco melhores do mundo no tênis de mesa, Marcus Vinicius liderando o ranking do tiro com arco e Miguel Hidalgo no triatlo. Tivemos grandes resultados no judô, o filho de Robert Scheidt se destacando na vela, o vôlei feminino e masculino classificado antecipadamente, Carol e Rebeca liderando no vôlei de praia, o recorde mundial do Isaquias Queiroz e mais um título mundial de Rebeca Andrade, além da medalha de Flavinha na ginástica rítmica.

Qual é a meta em LA-2028?

Entrar no Top 10, aumentando o número de medalhas de ouro. Em Paris, ficamos na 20ª colocação, com apenas três ouros (sete pratas e 10 bronzes).

A cobrança é proporcional?

Somos cobrados para que o Brasil seja uma potência olímpica. Estudamos o que os países que estão entre os 10 primeiros fazem e identificamos que eles conquistam medalhas em aproximadamente 18 a 20 modalidades. Hoje, o Brasil consegue medalhar em 10 a 12.

Viramos país dos esportes individuais?

Modalidades como basquete e handebol enfrentaram crises sérias de gestão no passado. As novas diretorias arrumaram a casa e estão prontas para crescer novamente, mas isso exige tempo. O vôlei continua forte e o futebol feminino vive um momento excelente rumo à Copa do Mundo no Brasil. Quanto ao futebol masculino, que nem se classificou para Paris, sentamos com a CBF para planejar uma equipe forte em 2028. Nenhum país é tricampeão olímpico no futebol masculino, e o Brasil pode ser o primeiro.

Há uma nova ponte com a CBF?

Desde que assumi, fiz questão de me aproximar da CBF e construir uma relação de muito diálogo e confiança. Tenho conversado bastante com o presidente Samir (Xaud). Temos avançado em pautas importantes para os dois lados. Temos muito mais a ganhar trabalhando juntos. Nosso objetivo é somar esforços para que o Brasil chegue a Los Angeles 2028 com seleções fortes e competitivas.

LA-2028 desafia mais que Paris-2024?

A missão em Los Angeles será extremamente cara. Devemos superar R$ 40 milhões somente em custos operacionais e logísticos, valor superior ao gasto em Tóquio-2020. Teremos os custos dos EUA, a força dos donos da casa e a expectativa de retorno da Rússia.

Como o COB lida com a saúde mental?

Com muito cuidado e profissionalismo. O exemplo de Rebeca Andrade foi muito claro: ela ficou sem competir por um ano e meio. Fizemos um planejamento multidisciplinar, com a participação da área de psicologia do COB, para o retorno gradual. O título mundial demonstrou o sucesso da estratégia. O atleta precisa estar feliz para competir em alto nível. Sem bem-estar mental, a alta performance não acontece.